

Mudanças são desafio para as empresas

Arquivo

SÃO PAULO — “As mudanças são tão grandes na economia brasileira que na hora em que o sujeito senta na cadeira, não tem mais tempo de planejar nada.” A afirmação é de João Aquino, diretor da Egon Zendher, multinacional especializada em encontrar soluções administrativas e estratégicas para empresas a partir da indicação de executivos, ou seja, uma espécie de *headhunter* personalizado para cada caso. “Para conseguir planejar a estratégia da empresa, o executivo precisa, na verdade, se distanciar literalmente da sua mesa, se possível realizar uma viagem ao exterior”, aconselha ele. “Se o executivo quiser arquitetar o futuro de sua empresa seguindo a rotina do dia-a-dia, ele jamais vai conseguir.”

Aquino recomenda viagens ao exterior, mas não a negócios. “Peló menos uma vez por ano ele precisa sair do país para conseguir enxergar melhor o futuro”, afirma ele. “No dia-a-dia o executivo não consegue, por mais que tente.” Anselmo Nakatani, presidente da Furukawa Condutores Elétricos, concorda: “Somos simples bombeiros no nosso trabalho cotidiano”. Essa situação demonstra bem os males para o desenvolvimento brasileiro a partir da ação dos agentes privados da economia, tal a quantidade de pacotes, mudanças e

transformações rápidas existentes no Brasil. André Ranschburg, presidente da Staroup, por exemplo, está vivendo essa situação.

Em pleno processo de ampliação dos negócios da Staroup (abriu filiais na União Soviética, Portugal e Hungria), ou seja, no meio de uma mudança na estratégia empresarial da companhia, Ranschburg mal tem tempo de pensar nisso. “Ficamos muito presos ao curto prazo no Brasil”, reclama. “Isto quer dizer que não existe uma regra fixa e exige o acompanhamento diário dos negócios.” Por exemplo: nas últimas semanas, o país foi sacudido por uma forte aceleração inflacionária e aumentaram as previsões de congelamento de preços iminente. “Ora, num momento como esse, não há outra alternativa senão embutir uma margem de segurança nos preços para tentar se defender”, admite ele. “Por esta razão, é melhor deixar a economia sem pacotes, sem congelamentos e coisas assim.”

“Você não imagina a quantidade de tempo que se gasta apenas para administrar uma grande empresa em momentos de mudanças fortes na economia”, lembra Alcides Lopes Tápias, presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban). “É papel, horas de trabalho e contratação



Ranschburg: “Ficamos muito presos ao curto prazo”

de executivos apenas para analisar uma nova mudança tributária, por exemplo. Isso, na verdade, representa menos eficiência.” A verdade, porém, é que a economia brasileira no sentido dos capitalistas que a compõem, ainda tem uma reserva de energia.

Segundo o senador José Eduardo Andrade Vieira (PTB-PR), abrem-se no Brasil 400 mil novas empresas por ano,

quatro vezes mais do que ocorre na Itália, por exemplo. “Este é um país de empreendedores e disso não podemos nos esquecer”, afirma ele. A receita do senador Andrade Vieira, dono do Bamerindus, é simples: “Chega de baixo astral; a responsabilidade de encontrar saídas para a crise é de todos nós. Choraminger pelos cantos não traz soluções.”